

Janaína Peixoto Kowalski*

Claudia Schemes*

Juracy Ignez Assmann Saraiva*

Magna Lima Magalhães*

Fecha de recepción: junio de 2017

Fecha de aceptación: julio de 2017

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo verificar a percepção de mulheres, acima de 60 anos, sobre a beleza na contemporaneidade e vinculá-la à problemática da inserção social. A posição do idoso na sociedade, suas perspectivas, as mudanças ocasionadas no corpo com o passar dos anos e a beleza da velhice também são abordadas de maneira norteadora para a posterior análise de entrevistas realizadas. Parte-se do entendimento que o envelhecer e a discussão do fenômeno são socialmente complexos, razão por que o envelhecimento não pode ser discutido como responsabilidade do indivíduo, mas, sim, de toda a sociedade.

Palavras-chave: Mulheres; Beleza; Envelhecimento.

Resumen

El objetivo de este estudio es verificar la percepción de las mujeres, mayores de 60 años, sobre la belleza en el mundo contemporáneo y vincularla a la problemática de la inserción social. La posición de los ancianos en la sociedad, sus perspectivas, los cambios en el cuerpo a lo largo de los años y la belleza de la vejez también se abordan de manera orientativa para el posterior análisis de las entrevistas realizadas. Se parte del entendimiento de que el envejecimiento y la discusión del fenómeno son socialmente complejos, por lo que el envejecimiento no puede ser discutido como responsabilidad del individuo, sino de toda la sociedad.

Palabras clave: Mujeres; Belleza; Envejecimiento.

* Janaína Peixoto Kowalski. Mestre em Processos e Manifestações Culturais, Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS/Brasil)

* Claudia Schemes. Doutora em História, Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS/Brasil). Contacto: ClaudiaS@feevale.br

* Juracy Ignez Assmann Saraiva. Doutora e Letras e Linguística, Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS/Brasil)

* Magna Lima Magalhães. Doutora em História, Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS/Brasil)

Abstract

The objective of this study is to verify the perception of women, over 60 years old, about beauty in the contemporary world and to link it to the problematic of social insertion. The position of the elderly in society, their perspectives, changes in the body over the years and the beauty of old age are also approached in a guiding way for the subsequent analysis of interviews conducted. It starts from the understanding that aging and the discussion of the phenomenon are socially complex, reason why aging can not be discussed as the responsibility of the individual, but of the whole of society.

Keywords: Mulheres; Beauty; Aging.

A mulher e o envelhecimento

Em todas as mulheres, sobretudo quando entram na maturidade, instala-se uma força subterrânea e invisível que se manifesta por meio de comportamentos inesperados, arroubos de energia, intuições perspicazes, ímpetos apaixonados: um impulso arrebatador e inesgotável que as impele obstinadamente rumo à salvação, à reconstrução de toda e qualquer integridade despedaçada. (A ciranda das mulheres sábias, Clarissa Pinkóla Estés, 2007)



Segundo o artigo primeiro da Lei 10.741 de 2003, são consideradas idosas pessoas com idade igual ou superior a 60 anos de idade. Esta lei dispõe sobre o Estatuto do Idoso, assegurando-lhe direitos e garantias para a preservação da sua saúde física e mental e para seu aperfeiçoamento, em condições de liberdade e dignidade.

Segundo estimativas da OMS (Organização Mundial de Saúde), a humanidade vive a era do envelhecimento, período que vai de 1975 a 2025. No ano 2000, o planeta tinha 600 milhões de idosos com 60 anos de idade ou mais. Estima-se que, em 2025, haverá 1,2 bilhão de idosos e dois terços deles estarão vivendo em países em desenvolvimento. Conseqüentemente, na pós-modernidade, devido ao aumento da expectativa de vida da população e à redução da taxa de natalidade, o envelhecimento passou a ser considerado um importante fenômeno social (Moreira; Nogueira: 2008) e, conforme Bérghamo (2011), o

crescimento da população idosa no planeta trará consigo transformações na estrutura da sociedade, da família e das políticas que regulam as relações entre as pessoas.

O Brasil, que era conhecido como um país de jovens, também passa por uma transição demográfica e por um processo de envelhecimento populacional pelas razões anteriormente apontadas e prevê-se que, em 2020, 34 milhões de brasileiros estarão acima dos 60 anos de idade, e esse indicador corresponderá à sexta população mais velha do planeta (Moreira; Nogueira: 2008).

Segundo Minayo e Coimbra Jr. (2002), a expectativa de vida dos brasileiros dobrou em poucas décadas em relação a dos países europeus, que levaram cerca de 140 anos para envelhecer. Em 1900, a esperança de vida dos brasileiros era de 33,7 anos; em 1950, 43; em 1990, 65; chega a quase 70 anos na entrada do novo século e prevê-se que ultrapasse os 75 anos em 2025. Dessa forma, de 1950 a 2025, o tempo médio de vida dos brasileiros terá crescido 15 vezes, enquanto o do restante da população do planeta terá se ampliado cinco vezes. Além disso, a faixa etária dos brasileiros, situada entre 60 e 69 anos, tem um crescimento maior, sendo que esse fenômeno social está progredindo no Brasil, ainda que tenha iniciado mais tarde do que em outros países.

Bérgamo (2011) ressalta que ocorre, no Brasil, uma mudança na estrutura da pirâmide etária, que estreita sua base, uma vez que os nascimentos diminuem, e alarga seu topo, com o aumento da expectativa de vida. Essa transformação trouxe modificações desde os anos 70 do século XX, momento em que se identificou, pela primeira vez, o uso da expressão “terceira idade”. O autor evidencia a dualidade de ideias presentes nessa expressão, que está relacionada, segundo a antropóloga Debert (2007), com a gestão da velhice, em que, por um lado, se festejam os ganhos de vida e, por outro lado, se exigem maiores investimentos financeiros.

Debert (2007) também explica que o termo terceira idade abrange o reconhecimento de uma nova etapa da vida, que se interpõe entre a idade adulta e a velhice, e é acompanhada de um conjunto de práticas, instituições e agentes que são especializados em entender as necessidades de parte da população caracterizada como vítima da marginalização e da solidão.

Para Menezes, Lopes e Azevedo (2009), a maioria dos idosos brasileiros, em 2025, serão pessoas com baixo nível socioeconômico e educacional, que estarão sujeitas a doenças crônicas e incapacitantes, e esse contingente será constituído predominantemente por mulheres. A “feminização da velhice”, ou seja, o aumento do número de mulheres na população idosa que fazem parte da população economicamente ativa (Neri: 2007) implica a necessidade de políticas públicas que se voltem para o atendimento dessas mulheres, já que muitas vivem sem a presença do companheiro ou de algum membro da família e soma-se a

isso, em muitos casos, a inexperiência no mercado de trabalho formal e, geralmente, tem um nível de escolaridade inferior ao dos homens (Menezes; Lopes; Azevedo: 2009).

Ao longo do envelhecimento, as diferenças entre homens e mulheres se aprofundam. Atualmente, as mulheres vivem mais do que os homens em virtude de fatores biológicos, da menor exposição a fatores de risco de mortalidade e da maior procura pelos serviços de saúde (Menezes; Lopes; Azevedo: 2009). Camarano (2004) afirma que 55% da população de idosos é formado por mulheres, as quais predominam nas áreas urbanas, devido à maior participação dessas no fluxo migratório do meio rural para o urbano.

A feminização da velhice é confirmada por dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que realizou, em 2004, pesquisa sobre as características sociodemográficas do idoso brasileiro no período compreendido entre 1940 e 2000. A análise da composição dos grupos de idosos por idade comprovou que, com o avanço da medicina e das tecnologias, o grupo de 80 anos ou mais passou a ser maior do que o grupo constituído por pessoas de 60 a 79 anos. Quanto à raça e à cor, a pesquisa constatou que, dos 14,5 milhões de idosos, 8,8 milhões eram brancos, cerca de um milhão, negros e 4,4 milhões, pardos. Amarelos e indígenas constituem uma pequena parcela da população de idosos (Ipea: 2004).

Entre a população idosa, houve um aumento na proporção de separados e divorciados, ao longo do período analisado: em 1940, 0,5% dos homens idosos se declararam separados e 0,3% das mulheres; em 2000, o percentual da população masculina separada foi de 6,2%, e da feminina 11,8%. O aumento se deve à maior longevidade da mulher e ao recasamento (Ipea: 2004). Quanto à distribuição espacial, as duas regiões com maior presença de idosos são a Nordeste (28%) e a Sudeste (46%) (Ipea: 2004), salientando-se o crescimento desse grupo nas áreas urbanas.

O levantamento do nível de escolaridade entre os idosos demonstrou que, entre 1940 e 2000, cresceu o número de idosos alfabetizados, assim como o número médio de anos de estudo. Entre os homens, o aumento foi de 59% e, entre as mulheres, de 146% (Ipea: 2004).

A pesquisa realizada pelo IPEA comprova um significativo ganho na expectativa de vida da população brasileira, e o envelhecimento é hoje um importante fenômeno mundial, que causa alterações no indivíduo, na família e também na sociedade.

A beleza da velhice

Discutir a beleza no processo de envelhecimento pode parecer contraditório, porque se costuma acreditar que a beleza é atributo dos jovens. Contudo, se envelhecer é viver, por que não viver com beleza? (Monteiro: 2008). O processo de envelhecimento pode ser vivido com beleza, liberdade e felicidade (Goldenberg: 2014). “Envelhecer é verbo, ação, continuidade. Envelhecer é transformação: ação além da forma. Tornamo-nos mais velhos a cada momento.

Fomos diferentes no passado e seremos diferentes no futuro” e “somos e seremos formas diferenciadas na travessia do tempo” (Monteiro: 2008, p.7- 8).

Goldenberg (2011) afirma que, no Brasil, o corpo é um verdadeiro capital e determinado modelo é uma riqueza, desejada pelos indivíduos, pois, além de ser um capital físico, o corpo também é um capital simbólico, econômico e social. Para tanto, o corpo, que foi conquistado por meio de um grande investimento financeiro, muito trabalho e sacrifício, deve ser magro, jovem e *sexy*. Por isso, para Monteiro (2008), vivemos na era da simulação da beleza, pois nunca foi tão fácil retocar o corpo a fim de torná-lo adequado ao modelo. Assim, o indivíduo faz de tudo para que sua aparência esteja compatível com a norma estética e, caso não consiga adequar-se aos padrões de beleza, padecerá sob olhares excludentes.

A ideia do corpo perfeito provoca uma inibição a mais para a população idosa, pois se o corpo considerado bom e ativo é o jovem e belo, o velho já está fora do estereótipo e, conseqüentemente, é considerado inapto para exercer atividades corpóreas (Menezes; Frota: 2012).

O corpo passa a ser considerado um capital, por esta perspectiva é possível entender o crescente número de mulheres insatisfeitas com seu corpo, as quais muitas vezes tornam-se potenciais consumidoras de produtos cosméticos e cirurgias plásticas (Goldenberg: 2011). Assim, “o corpo passa a ter lugar de referência sobre quem éramos e, conseqüentemente, sobre quem somos.” (Menezes; Frota: 2012, p. 10). A partir dessa busca por um modelo corpóreo que contemple os padrões estéticos atribuídos pela sociedade, a mulher se torna uma vigilante atenta do seu corpo, relevando uma contínua busca do que está ausente na própria imagem (Fin: 2015).

Nunca foi tão difícil manter a beleza em meio a tantas obrigações do dia a dia. Antes, a mulher tinha o papel de cuidar da casa e dos filhos e se embelezava para esperar o marido; ao homem cabia o sustento da família, portanto, ser o provedor. Todavia, na atualidade, a mulher, de modo geral, continua sendo a responsável pelo lar e sua organização, pela educação e zelo com a prole. Mesmo ao exercer uma profissão, as responsabilidades domésticas da mulher persistem, exigindo um esforço maior por parte dela. Concomitante, à exigência, colocada para a mulher, de equilibrar a vida profissional com os compromissos “domésticos”, a sociedade dela cobra um padrão de beleza que não condiz com a realidade da maioria das mulheres. Aos homens, por sua vez, também são impostas exigências estéticas, como o cuidado com corpo, no intuito de torná-lo atraente com músculos delineados, além da possibilidade (e liberdade) do uso de cosméticos (Monteiro: 2008). A estética dos homens e das mulheres ao ser padronizada a partir de referências e modelos “perfeitos” fomenta comportamentos obsessivos em relação ao corpo e sua forma perfeita.

Sobre as exigências sobre a mulher Scott (2012: p.38) corrobora ao mencionar que:

É verdade que nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI as mulheres granjearam importantes parcelas do mercado de trabalho, alcançaram uma maior escolarização, conseguiram ampliar o controle sobre a sua sexualidade e fecundidade, mas também aumentaram e muito a sua jornada de trabalho. [...] Ainda temos uma estrada bem longa e difícil para que a divisão equitativa das responsabilidades e a isonomia entre homens e mulheres entre nós brasileiros sejam alcançadas.

Para Andrade (2003), no decorrer do século XX, o sentido e o significado de saúde e de beleza sofre mudanças em relação a conceitos de períodos anteriores. Conquistar um corpo belo e saudável passa a ser entendido como um objetivo individual, cujo alcance dar-se-á por meio de um exercício de autocontrole, que envolve força de vontade, restrição e vigilância constantes.

O corpo, na contemporaneidade, é mais que um objeto de desejo, é um *design*, pois pode ser personalizável, por meio de modificações feitas em sua anatomia e de intervenções invasivas. O corpo passa a ser um objeto em que o indivíduo projeta ideais, pois é o cartão de visitas, o passaporte de ingresso nas relações sociais (Fin: 2015).

É difícil vencer o jogo onde ninguém está a seu favor. Assim, muitos velhos vestem uma nova fantasia para que os vigilantes da aparência não os condenem, já que a beleza se tornou uma questão de saúde pública. Com cuidados, adquire-se a beleza, e tratamentos devem ser procurados para melhorar a aparência. “A beleza se tornou seita cuja presença impreterível de seus membros é frequentemente solicitada” (Monteiro: 2008, p. 19). Assim, a necessidade de se sentir belo, faz com que os indivíduos procurem cada vez mais tratamentos estéticos para a melhora da aparência, fugindo dos olhares vigilantes e excludentes.

Nas últimas décadas, a medicina vem ampliando suas áreas de atuação, e, dentre elas, está a estética e cirurgia plástica. Estas áreas propiciam o desenvolvimento de técnicas que se destinam a corrigir alterações da face e outras regiões do corpo. Há procedimentos invasivos e não invasivos disponíveis tanto para mulheres quanto para homens. Porém, vale salientar que a apropriação desses recursos não impede o curso natural da vida, mas pode contribuir com o processo de envelhecimento (Fin: 2015).

Monteiro (2008), que tem formação em fisioterapia, cita em sua obra algumas percepções a partir dos atendimentos que realizou, afirma: “Verifico comumente entre as mulheres mais velhas e menos doentes que eu atendo uma preocupação maior em estarem com uma boa aparência para me receber” (Monteiro: 2008, p. 21). Ressalta, ainda, que, algumas vezes, as máscaras representam o vazio, firmado sobre uma aparência ilusória, e a necessidade de ostentar um disfarce para que os sinais da velhice não sejam evidenciados.

Umberto Eco, em sua obra *A história da beleza*, (2013), relaciona o amor romântico à beleza das donzelas, cujas características são as seguintes: olhar iluminado, seios fartos, pele lisa, corpo curvelíneo e mãos delicadas. Em contrapartida, o autor em *A história da feiura* (2007), relaciona o feio ao “disforme e ao desequilíbrio”. O velho, que significa a beleza em declínio, a estética desagradável, é associado ao negativo; e as marcas do tempo, as rugas, a pele sem viço, à proximidade da morte.

Se, por um lado, a velhice já foi tratada como feiura ou como o direcionamento para o fim da vida, por outro há quem trate da velhice como um processo, como acontece com tantos outros na vida, que, portanto, deve ser vivido intensamente. A obra *A bela velhice*, de Goldenberg (2014), aborda o tema como um desafio. “[...] como lidar com essa nova realidade que é o início do protagonismo dos velhos? ”. O texto faz ao leitor um convite para pensar sobre a constatação de que a velhice é inevitável e que um envelhecimento pleno e feliz é não é uma conquista individual, mas da sociedade como um todo.

Monteiro (2008) diz que muitas vezes o rosto de uma mulher de 70 ou 80 anos pode causar perplexidade, uma vez que a beleza é fonte de mobilização que vai além dos sentidos e da razão. “Pensar na beleza física como arma de sedução para possuir o outro pode ser um modo perverso de satisfazer desejos egoístas” (Monteiro: 2008, p. 100). Para o autor, a beleza nem sempre tem caráter sexual, como muitos pensam. Ela pode transcender a pele, oportunizando um grande fluxo emocional para o corpo.

Muito embora haja o despreparo do Brasil para o aumento do número de idosos, principalmente em relação às políticas públicas, esta parcela da população vai crescer e, com ela, a esperança de viver um envelhecimento digno. De acordo com dados do IPEA, já apresentados, é crescente o número de mulheres idosas e, para que elas vivam bem, é importante que, além de terem objetivos, também se enxerguem como pessoas belas, convictas de que podem mudar o efeito emocional que sua imagem transparece.

O olhar das mulheres acima de 60 anos acerca da beleza

Tendo como premissa pensar acerca das mulheres e sua relação com o envelhecimento, foram realizadas 10 entrevistas com mulheres com idade de 60 anos ou mais. Intenta-se analisar suas falas com relação ao entendimento sobre beleza, bem como a percepção sobre o envelhecer.

O grupo de entrevistadas é composto por aposentadas de suas profissões, com idade entre 61 e 86 anos, as quais residem na capital gaúcha- Porto Alegre/RS e na região metropolitana, mais especificamente do município de Novo Hamburgo. Tendo a entrevista em profundidade como parâmetro norteador do estudo, foram elaboradas algumas questões para a interlocução com as entrevistadas. Em relação ao estado civil o grupo é composto por cinco mulheres casadas, três viúvas e três divorciadas. Ressalta-se que mesmo com autorização

das entrevistadas para trabalhar com suas identidades, optamos por nominá-las de forma fictícia.

A primeira questão foi: O que você pensa sobre a beleza física em mulheres da sua idade?

A maioria das entrevistadas destaca em suas falas a relevância de “se cuidar” para ter uma boa aparência física. Na percepção de Ana “é importante a mulher manter a beleza física a partir do olhar de se gostar, nunca se deve perder isso, sempre se gostar mesmo com o passar dos anos, pois tudo que aparece faz parte da vida”. Já Lúcia é mais enfática na sua resposta principalmente ao mostrar-se contra a realização de cirurgias plásticas, mas ressalta a importância dos tratamentos de beleza, o cuidado com a pele e com os cabelos. Carmem, de forma mais sucinta e tímida, avalia que é “importante a gente ter um pouquinho de vaidade”.

De acordo com a percepção de duas das nossas interlocutoras, hoje a mulher tem mais tempo para se cuidar. Para Célia, nossa primeira entrevistada, elas (as mulheres) antigamente estavam muito mais envolvidas com o trabalho doméstico, com filhos e marido. Hoje dedicam mais tempo para si mesmas. Outra entrevistada, Norma posiciona-se ao dizer: “Eu penso que agora as mulheres se preocupam muito mais consigo. Tu podes passar na frente de uma academia e está chovendo mulher! ”.

Para Beatriz e Rosana deve haver aceitação do envelhecimento, no entanto, destacam que o envelhecer não pode ser um empecilho para a realização de atividades que lhes convierem.

Segundo Rosana,

[...] em primeiro lugar vem a aceitação, aceitar como nós estamos, com rugas, sinais do tempo e das coisas que a gente viveu. E não tentar se transformar. Acho que a gente pode usar os recursos que hoje estão disponíveis para melhorar um pouquinho, mas eu me preocupo em me aceitar como eu sou com os sinais do tempo que estão em mim.

Beatriz destaca que:

Não me considero uma mulher idosa, embora eu tenha mais de 60 anos e usufrua dos benefícios. Considero que eu vivo num momento privilegiado, onde as mulheres estão mais proativas, autônomas, que sabem o que querem, que fazem trabalhos voluntários como eu... Eu me sinto muito gratificada e ativa ainda na minha idade.

Para Isabel “toda idade tem a sua beleza. Nós teríamos que valorizar o que nos favorece nesse sentido, se é o corpo ou o rosto. Até os gestos, sendo delicados, podem nos valorizar bastante”. Já na percepção de Angela: “a mulher deve estar bem em tudo, pois não é só a beleza física que conta. A beleza interna reflete no exterior, como por exemplo: a alegria e a vontade de viver intensamente”.

O cuidado com o corpo e o “cuidar-se”, “ter um pouquinho de vaidade”, apresentado nas falas das entrevistadas, nos remete ao entendimento do corpo como capital, tornando-se um mediador nas relações pessoais (Goldenberg: 2011). Desta forma a estética, conservação da beleza e cuidados para manter o corpo saudável e ativo com atividades físicas, por exemplo, estão inseridas nas preocupações de nossas interlocutoras ao pensar e falar sobre envelhecimento e beleza.

De acordo com a maioria das entrevistadas, o cuidado com o corpo está associado à saúde e não com a exigência de uma padronização estética de beleza e juventude. Ao falarem sobre o envelhecer, elas expressarem suas percepções que estão em sintonia com Monteiro (2008) que assevera: “Envelhecer é viver, e por que não viver com beleza? ”. O envelhecer significa estar vivo e valorizar cada etapa e possibilidade contida em um corpo que não é mais esbelto e esguio, mas que contempla ainda possibilidades inúmeras dentro de um determinado momento.

Como segunda questão para direcionar nossa interlocução, perguntamos: Existe algo que você considera belo em uma mulher da sua idade? Se positivo, o quê?

Todas as interlocutoras percebem e encontram algo de belo na velhice feminina, porém em elementos diferenciados.

Quatro entrevistadas relacionam o belo às mulheres que se cuidam de alguma forma. Para Célia, por exemplo, além da sua higiene, a mulher deve cuidar da alimentação. Já Nair e Lúcia destacam e avaliam como bonito a mulher que cuida da pele, dos cabelos e das unhas. De acordo com Carmem, a vaidade está ligada ao fato de se gostar: “Acho bonito a mulher que se cuida e se sente bem por isso. Não precisa estar largada quando se está sozinha em casa. A mulher deve estar limpinha e arrumadinha”.

Ana e Beatriz acreditam que o belo se encontra na segurança da mulher idosa, considerando tudo o que ela já viveu. Conforme a percepção de Ana:

Eu acho bela a mulher idosa segura (segura de si). Ela já percorreu um longo caminho e aí quando chega nesta idade ela já sabe exatamente o que é belo. Ela deve estar bela fisicamente ao seu olhar, deve se olhar no espelho e dizer: gosto de mim assim.

Beatriz menciona que passou a enxergar beleza em mulheres da sua idade, por saber que elas têm vivência e experiência que adquiriram também, na maturidade.

Outras quatro entrevistadas responderam apresentando elementos diversos aos quesitos: cuidar-se e segurança. Isabel considera bela uma mulher que apresenta humildade, que seja bonita e elegante, além do comportamento simples, ser comunicativa e acessível. Já para Angela o “belo é a disposição de estar de bem com a vida, não ser uma pessoa amarga e aceitar a terceira idade”. Jussara que se considera bonita, indica que bela são as mulheres mais velhas que cumprimentam as pessoas e que são simpáticas. E, nas palavras de Rosana, “belo é o espírito positivo, a alegria de viver apesar do peso dos anos”.

Goldenberg (2014) afirma que a construção de uma bela velhice depende da sensação de segurança e da conquista da liberdade. A autora afirma ainda que, de um lado, a saúde, família, trabalho e dinheiro suficiente para manter uma vida confortável podem ser o necessário para a velhice. Mas, de outro lado, uma maior liberdade para seguir a própria vontade também é fato gerador de felicidade durante o processo de envelhecimento.

Durante as conversas com as entrevistadas, notou-se significativa segurança em relação às suas idades e aparência física. Viúvas, divorciadas ou casadas, com ou sem filhos, estas mulheres mostram-se independentes, seguras de si e não se privam das suas atividades preferidas por conta da idade ou aparência.

A terceira pergunta direcionada às entrevistadas consistia em saber se existe diferença entre a beleza feminina atual e a de 30 anos (ou mais) atrás? Se positivo, aponte qual é a diferença.

As entrevistadas foram unânimes em apontar que há diferença no entendimento de beleza atual e de 30 (ou mais) anos atrás. Para Célia, há bastante diferença, pois, a mulher de hoje se dedica mais (dá mais atenção) à sua beleza. Corroborando outras três interlocutoras (Nair, Angela e Carmem) asseveram que, anos atrás, a mulher era preparada para ser dona de casa, para cuidar do marido e dos filhos, assim, como as atividades diárias eram sempre as domésticas, não havia interesse e tempo para se dedicar aos cuidados consigo.

Ana ressalta que há 30 anos, as mulheres com mais de 60 anos eram vistas como avós somente. De acordo com Isabel, a diferença é bastante significativa:

As mulheres de mais idade não têm mais um comportamento antigo. Antigamente, quando se atingia determinada idade, as mulheres se vestiam de maneira mais sóbria, hoje não. Hoje elas têm prazer em mostrar o corpo e mostrar o que são realmente.

Beatriz diz perceber uma diferença cultural, a partir do amadurecimento, no que diz respeito à percepção das pessoas em relação às mulheres com mais de 60 anos.

Para Rosana é fundamental entender que:

[...] hoje se valoriza tudo mais do que antigamente. A aparência, sem dúvida, atualmente é mais cobrada. Por outro lado, hoje você vê uma mulher com mais de 60 anos e percebe que ela tem uma aparência muito melhor do que se via antigamente. Sem dúvida, a aparência é bem diferente hoje em relação a 30 anos. Isso é positivo. As mulheres não tinham tantas oportunidades como têm hoje.

Em todas as respostas, percebemos que o comportamento da mulher se aproxima com o de décadas passadas, pois as entrevistadas presenciaram o momento em que a mulher não tinha tempo e até mesmo interesse para se cuidar, haja visto que os afazeres da casa e o cuidado com a prole eram o foco e ficavam sob sua responsabilidade.

Hoje, no entanto, a cultura da mulher “do lar” está se desfazendo – ou já se desfez, na visão das entrevistadas. A mulher, além de administrar as atividades domésticas, é mãe, tem uma profissão e atua no mercado de trabalho. Nair, que tem 86 anos, diz que as mulheres eram preparadas para serem donas de casa. Hoje ela não vê isso.

A entrevistada, ao relacionar temporalidades (passado e presente), vai ao encontro do que afirma Moreno (2008) em relação ao feminismo e sua importância, posto que o movimento lutou por alternativas, valorização e perspectivas para as mulheres fomentando a independência financeira e a autonomia. Para o autor “as mulheres podiam até trabalhar e ser bem-sucedidas, desde que não perdessem a feminilidade, o senso de maternidade e de culpa – o pecado original, a má consciência de não estar se dedicando plenamente aos filhos” (Moreno: 2008, p. 25).

A partir das falas das entrevistadas, percebe-se que houve uma alteração na percepção acerca do papel das mulheres na sociedade, bem como sobre os padrões de beleza. Em suas opiniões, antes, a mulher de 60 anos tinha a aparência de uma idosa com muitas limitações, como se já estivesse no fim de sua vida. Em contrapartida, nos dias de hoje, uma mulher no processo de envelhecimento não enxerga barreiras para os seus afazeres diários e prazeres da vida. Assim sendo, o fato de a mulher de 60 anos ou mais se dedicar aos cuidados com a sua aparência física representa um avanço no contexto cultural brasileiro, cujos valores passam, gradativamente, a não ser severos em relação à mulher idosa e ao “cuidar-se”.

Outro questionamento direcionado às entrevistadas foi o seguinte: Como você acha que as mulheres da sua idade são vistas na atualidade?

A maioria das entrevistadas avalia de forma positiva como são percebidas na sociedade no momento atual. Nair ressalta que as mulheres idosas hoje são vistas com aceitação e valor. De acordo com Isabel:

Hoje são vistas com muita perspectiva! Elas passaram a ser o foco do fator econômico. Antes os próprios modelos eram todos magrinhos... Hoje os costureiros se preocupam em expor os seus vestidos em pessoas de mais idade, porque hoje a mulher que tem condições de comprar, não é a novinha

e sim a de mais idade. A moda do dia a dia é para os jovens, já a de mais requinte é para as mulheres de mais idade.

Célia complementa dizendo que nos dias de hoje a mulher idosa é vista com bons olhos, pois se relaciona mais, viaja, participa da vida em sociedade e principalmente porque desenvolve trabalhos voluntários. Jussara, que é vendedora aposentada de enciclopédias, aponta que sempre foi muito bem recebida por todos: “[...] parecia que eu era de casa! Mesmo sendo do sul e trabalhando no Mato Grosso!”.

Rosana menciona que há um pouco mais de respeito em virtude da experiência e bagagem de vida. Já para Ana as mulheres idosas são mais respeitadas por não serem mais reclusas ao lar. Contudo, para Beatriz as pessoas enxergam a mulher idosa com mais restrições, em virtude de uma cultura social machista e que está demorando muito para mudar. Segundo ela: “a mulher tem avançado muito no mercado de trabalho e na proatividade. E a inserção em todos esses segmentos é diferente do que a cultura de um modo geral considera. Essa cultura machista é muito enraizada e ainda permanece perpetuando por aí”.

Como já mencionado por Debert (2007), a ideia do processo de perdas está sendo substituída pela consideração de que, neste estágio mais avançado da vida, também é possível obter novas conquistas, conduzidas pela busca do prazer e da satisfação social. O acúmulo de experiência se converte em ganhos. E é desta maneira que as entrevistadas enxergam a velhice: com beleza, mais respeito e, principalmente, com características pessoais e sociais diferentes de 30 ou 40 anos atrás. Nos dias atuais há um movimento de oposição à negatividade que a velhice possa representar. A sociedade pós-moderna pensa na terceira idade como uma fase que pode dar uma nova perspectiva à vida, vinculada à ações positivas como participar, questionar, mudar e evoluir. Nesse contexto, o idoso passa a ocupar uma posição ativa dentro do seu próprio processo de envelhecimento, tornando-se responsável pelo seu estilo de vida (Rodrigues; Soares: 2006).

Para Andrea Moraes (2011: p.439),

A manutenção de uma vida ativa na velhice não pode ser lida como uma nostalgia da juventude. Ao contrário: a negação de uma imagem tradicional da velhice operada por essa geração é uma forma de fazer uma revisão de vida a partir de mudanças sociais que possibilitaram às mulheres novos espaços.

A partir desse novo posicionamento social, as mulheres idosas se encaixam na sociedade contemporânea como indivíduos mais participativos e, dessa maneira, o perfil do idoso que acaba se isolando por conta da sua idade não está prevalecendo. Outro aspecto de valoração do idoso está relacionado à família. O idoso pode contribuir muito para o grupo familiar, uma vez que ele, além de ter uma história pessoal para oferecer ao ambiente,

representa a história da estrutura familiar em si. Eles transmitem as crenças, os valores que contribuem para a formação dos indivíduos ajudando a construir seus referenciais sociais (Rodrigues; Soares: 2006). Além da família, o idoso também é valorizado pelo mercado de consumo. O turismo, por exemplo, é um nicho de mercado que passou a explorar o cliente que alcançou a terceira idade e está se conscientizando de que o lazer é uma das práticas que gera qualidade de vida (Sena; González; Ávila: 2007).

De acordo com Motta (2012: p.95), as mulheres mais velhas se sentem “mais livres e mais satisfeitas do que quando eram jovens”, visto que sem a proteção ou o encargo da família, pela primeira vez, podem usufruir dos espaços de sociabilidade com pessoas de sua geração, se divertem e vivenciam novas experiências.

Desta forma, a maioria das interlocutoras percebe-se positivamente no cenário social; além disso, se considera importante nas atividades da vida cotidiana e no âmbito social.

Chegando na metade da entrevista, propõe a questão: Você vê algo de belo na velhice feminina? O quê?

Sete entrevistadas têm a percepção do belo relacionado à personalidade e não à aparência.

Ana relaciona o belo, a segurança que a idade traz: “[...] eu acho muito bonito, pois deixa a mulher com mais tranquilidade. [...] os problemas continuam, mas a maturidade nos faz enxergar de uma forma melhor”. Nair, por sua vez, diz que as mulheres idosas são queridas e comunicativas, por isso conversam bastante.

Na percepção de Beatriz,

[...] o belo está muito relacionado à maturidade porque no momento em que a mulher se sente mais confiante, revela todas as experiências que já passou. Ela percebe que tudo o que já fez na vida, tem beleza em sua trajetória. A valorização é maior que a de antes. A mulher madura enxerga beleza nas coisas mais simples. Eu passei por esse processo de simplificação das coisas, por isso comecei a enxergar a vida de forma diferente, depois dos 65 anos e busco o que é essencial para a vida.

Assim como Beatriz, Rosana valoriza a sabedoria como forma de beleza da mulher idosa. Contudo, 30% das entrevistadas relacionam o belo com a aparência feminina. Isabel diz que acha belo um olhar marcante e um sorriso que perpetua, mesmo sendo num rosto emoldurado por rugas. “[...] o momento em que a mulher se arruma, se pinta, a torna muito bonita. O próprio cabelo branco dá um destaque, tornando a mulher mais respeitável e por isso é tratada com mais cordialidade”.

Angela e Carmem enxergam o belo na velhice relacionando a beleza às mulheres que se cuidam, principalmente fazendo atividades físicas para o cuidado com o corpo. Para

Jussara, belas são as mulheres que saem vestidas com roupas modernas e salto alto. Em sua opinião, a maioria das mulheres acima de 60 anos está muito bem cuidada.

Ao que tudo indica, o grupo de entrevistadas, de uma forma ou de outra, encontram beleza no processo de envelhecimento. Não relacionam a beleza somente a rostos e corpos jovens, mas sim com a personalidade moldada a partir da maturidade adquirida com os anos. A partir da interlocução, percebe-se que elas, mulheres com mais de 60 anos, não estão muito preocupadas em parecer jovens. E, por mais que percebam o movimento da sociedade em enaltecer a juventude, priorizam o cuidar-se de acordo com sua realidade e valorizam o momento que estão vivendo.

Monteiro (2008), mostra que há um novo olhar para a beleza da velhice que proporciona liberdade àqueles que já estão esgotados e por muitas vezes se sentem escravos em busca da juventude. Para o autor, envelhecer é um constante processo de aprimoramento do ser e, por isso, a beleza, em sua essência, pode ser alcançada com muito mais facilidade na velhice. “Se a aparência é somente um reflexo daquilo que somos, então a beleza na velhice pode se revelar com mais intensidade do que se revelaria na juventude” (Monteiro: 2008, p. 148).

Fazendo um contraponto à questão anterior, a questão seis objetiva saber o que as entrevistadas percebem de feio na velhice feminina.

Para a maioria das entrevistadas, o que representa o feio na velhice feminina é a mulher desleixada, que não se cuida de nenhuma maneira. Carmem evidencia sua opinião com a seguinte fala: “Feio é a mulher atirada, menos participativa, que não se arruma e não se cuida. Ela fica mais para depressiva sem autoestima pra viver. Isso é triste e feio”.

Para Norma, a mulher desleixada torna-se feia. Célia acrescenta: “[...] um pouquinho de água e sabão deixa a mulher bem limpinha”. Angela também indica como desagradável a aparência desleixada e complementa: “[...] é feio quando a mulher quer aparentar aquilo que não é”.

Para duas entrevistadas, a aparência – que é notada pela presença das rugas no rosto – é o que há de mais feio na velhice feminina. Isabel acrescenta ainda que percebe nas marcas do rosto de outra mulher o quanto ela pode ter sofrido na vida, pois este sofrimento fica na expressão e não representa felicidade.

E, dentre as entrevistadas, somente Beatriz acredita não existir nada feio na velhice feminina e, enquanto Lúcia, não soube o que responder ao questionamento.

Retomando Eco (2007) e a associação do declínio da beleza com o envelhecer (com o velho), bem como o vínculo com o disforme e com o desequilíbrio, pode-se pensar acerca das falas das entrevistadas, posto que o feio se relaciona ao descuido e o desleixo com o corpo, afirmando o decrepito, o negativo. Ao mesmo tempo o feio também pode ser relacionado às marcas de um corpo (rugas, ausência de cabelos) as quais são associadas à tristeza, sofrimento, amargura e angústia.

Seguindo com a entrevista, tem-se como questão número sete: Como você se autodescreveria em relação ao tema beleza feminina? Sobre esta questão, oito entrevistadas se autodescrevem de forma positiva em relação ao tema beleza feminina. Nair diz que: “me vejo como uma pessoa normal, mas não abaixo das outras”. Angela se considera “com a aparência de menos idade. Interiormente, é como se eu tivesse entre 35 e 45 anos”. Norma destaca a simpatia, já que se considera uma pessoa bastante simpática e linda, porque por onde passa conversa com todos e faz amigos com facilidade.

Na fala da entrevistada Beatriz, nota-se a aceitação e uma boa relação com o envelhecimento:

Eu me vejo uma mulher bonita para a minha idade. Eu gosto do que eu tenho, do que eu consegui, gosto da trajetória que fiz até agora e estou gostando desta trajetória. Respeito e gosto da aparência que eu tenho, do corpo que eu tenho, da saúde que eu tenho e valorizo muito isso. Isso me deixa muito feliz!

Rosana e a Ana dizem que se sentem muito bem, pois têm saúde e cuidam da sua aparência usando produtos cosméticos. Já para Lúcia, a beleza estava na sua mocidade, de acordo com ela: “Eu acho que já fui uma moça bonita, mas hoje com mais idade não me acho mais bonita”.

Isabel menciona que:

Não me considero bonita, meu corpo não me ajuda, sou baixinha, mais gorda do que magra, então vamos dizer assim: vejo minha beleza no meu rosto... Talvez alguns traços que eu tenha que me favorecem. Mas procuro ser alegre, comunicativa, estar sempre sorrindo, o meu traço de viver é esse aí...

O tema beleza já é tratado por pensadores há séculos. A partir da ideia de que é algo que transcende, a beleza passou a ser vinculada ao que denomina bom e verdadeiro. Contudo, a partir dos conceitos de estética e percepção da contemplação do que é belo, gradativamente a beleza passa a ser associada à perfeição das formas, ou seja, a perfeição daquilo que agrada aos olhos.

E, mesmo que todas as mulheres sejam perseguidas pelo espectro do corpo perfeito, da boa forma, as entrevistadas, em sua maioria, mostram não valorizarem demasiadamente a aparência marcada pelo tempo, mas sim a beleza associada às expressões, sorrisos e pela sua trajetória de vida. Ao que tudo indica as interlocutoras não valorizam em demasia a aparência física.

Dando seguimento, a questão oito indaga: Você faz algo para se sentir bonita? Se positivo, o quê? Todas as entrevistadas dizem fazer algo para se sentirem bonitas e cuidar da sua aparência. O uso de cremes no rosto, cuidados com as unhas e tintura dos cabelos são cuidados que fazem com que a mulher com mais de 60 anos se sinta mais aceita por si mesma e pela sociedade.

Ana, Célia, Lúcia e Isabel destacaram os cuidados com a cor dos cabelos e com cremes no rosto antes de dormir. Angela também destacou o cuidado com os cabelos e com as unhas, além da prática de exercícios regulares para cuidar não só da aparência, mas da saúde também. Jussara, que está temporariamente em cadeira de rodas, por ter feito uma cirurgia no joelho, diz: “Até antes da minha cirurgia, eu ia para a academia todos os dias. Levantava às sete e às oito já estava lá”!

Para Beatriz os cuidados com aparência e saúde são fundamentais:

Faço sim. Tanto para me sentir bonita quanto para me sentir saudável. Eu sempre busco a minha saúde e a beleza, pra mim, é consequência disso. [...] Cuido também da minha aparência, com cremes para a minha idade, cuido dos cabelos... Enfim, tudo isso está junto com essa coisa de cuidar da saúde, com alimentação e atividade física.

Rosana destaca que:

Eu não abro mão do creminho da noite e do dia. Sempre fiz exercícios porque eu gosto, me faz bem e eu me sinto bem. A minha genética também sempre foi favorável e eu sou agradecida por isso. Mas eu sempre me cuidei para estar mais ou menos em forma, mas no fundo, é por saúde mesmo, porque eu quero viver algumas décadas ainda!

Percebe-se que as entrevistadas se preocupam com a aparência e a valorizam, talvez no intuito de distanciar-se do estigma negativo do envelhecimento que por muito tempo esteve (e ainda está) presente na nossa sociedade, ou seja, velho é feio, é desleixado, é decrepito. Uma característica importante é a de que as mulheres entrevistadas não apresentaram quaisquer interesses em parecer mais jovens e a maioria não apresenta sentimento de lamentação por estar no processo de envelhecimento. Apresentam, em contrapartida, a aceitação da condição em que se encontram e procuram se manter saudáveis, cuidando da alimentação e praticando exercícios físicos.

Os cuidados com o corpo podem estar relacionados com o que diz Goldenberg (2014), que afirma que determinado modelo de corpo na cultura brasileira é considerado uma riqueza. E, além de um capital físico, o corpo também é considerado um capital simbólico, econômico e social, pois conquistado por meio de muito investimento e sacrifício.

Dessa maneira, o fato de as mulheres usarem recursos para se sentirem belas pode estar relacionado com a aceitação de uma sociedade que cultua o corpo como uma das formas de inserção nas relações interpessoais.

Por esta perspectiva, pode-se entender o “corpo como pura plasticidade. Suas imperfeições não são naturais e nem imutáveis, mas com esforço disciplinado e o uso de tecnologias pode-se encontrar a aparência desejada; as rugas ou a flacidez se transformam em indícios de lassitude moral e devem ser tratadas dos cosméticos, da ginástica, das vitaminas, da indústria do lazer” (Debert:1999, p.78).

Como penúltima questão, tem-se: Em algum momento você já presenciou alguma situação de discriminação de uma mulher da sua idade por sua aparência? Se positivo, qual foi?

Metade das entrevistadas afirma já ter presenciado situação de discriminação e metade não. Lúcia relata que já presenciou uma situação no condomínio onde mora, com atitudes em que há falta de respeito. Ana menciona a discriminação no trânsito: um motorista gritou para uma mulher: “Sua velha! ”. Isabel afirma ter presenciado situações em que uma mulher idosa não foi aceita num determinado grupo por acharem que, por conta da idade, ela não poderia desempenhar todas as atividades. A outra metade das entrevistadas disse não ter presenciado nenhum momento de discriminação com mulheres com mais de 60 anos.

O artigo 96 do Estatuto do Idoso (Lei n.º 10.741/2003) prevê que é crime discriminar pessoa idosa impedindo ou dificultando o seu acesso a informações bancárias, aos meios de transporte, ao direito de contratar ou de ter acesso ao exercício da cidadania, por motivo de idade. Prevê ainda pena de reclusão de seis meses a um ano e multa. O parágrafo primeiro do referido artigo diz que na mesma pena incorre quem desdenhar, humilhar, menosprezar pessoa idosa por qualquer motivo. E o parágrafo segundo diz que a pena será aumentada de um terço se o crime for praticado por quem estiver cuidando ou for o responsável pelo idoso.

Além da discriminação, o Estatuto do Idoso também elenca crimes como a coação, o abandono de idoso em hospitais, a exposição da integridade física do idoso, entre outros que versam acerca das fragilidades que a pessoa idosa pode apresentar. A partir das respostas das entrevistadas, nota-se que metade delas já presenciou um ato de transgressão à lei. Este número torna-se significativo por se tratar de cometimento de ato tipificado como crime em legislação federal.

A última pergunta da entrevista também aborda o tema discriminação: Em algum momento, você se sentiu discriminada por sua aparência física? Se positivo, exemplifique.

Seis entrevistadas dizem não ter sofrido nenhum ato de discriminação. Contudo, quatro já foram discriminadas por conta da idade. Lúcia e Isabel, preferiram não relatar o ocorrido. Carmem já ouviu: “Parece uma velha!”. E Rosana relatou:

Certa vez eu estava consultando com alguns médicos, à procura de um tratamento para a coluna cervical. E eu estava na época fazendo uns exercícios para a coluna. E um médico me disse assim: “Acho melhor a senhora parar com isso, porque em árvore velha, o galho enverga e pode quebrar”. Não sei se isso conta como discriminação, mas achei que foi indelicado e infeliz a comparação. Terminei a consulta e nunca mais voltei”.

A análise desta última questão está estreitamente relacionada a anterior, cujo apontamento se dá pela tipificação de uma conduta como crime.

A discriminação é uma grave transgressão, pois diminui o indivíduo a valores ínfimos e o desconsidera como agente capacitado para a realização de quaisquer tarefas. Por outro lado, mostra o quanto estamos despreparados para lidar com a realidade que já está se configurando, haja vista o envelhecimento gradativo da sociedade brasileira. Repensar políticas públicas voltadas para uma população que está envelhecendo, promover uma cidadania respeitosa a todos os indivíduos é obrigação e dever de uma sociedade. Perceber as mudanças socioculturais em sua amplitude e valorizar sua nova face não é somente estratégico como necessário. Desta forma, a sociedade estará mais e melhor preparada para lidar com as novidades, como por exemplo, com uma sociedade que está envelhecendo.

Neste sentido, é importante entender a velhice como uma preocupação social e não como responsabilidade individual, bem como “uma situação social e humana complexa, contraditória e indefinida” (Motta: 2012, p.103). Cabe destacar Debert (1999: p.82) quando menciona que os sucessos das experiências inovadoras de envelhecimento não podem “dissolver os dramas da velhice” os quais estão presentes na hierarquia e nos padrões de desigualdades presentes na sociedade brasileira.

Considerações finais

Não há como negar o envelhecimento da população brasileira associada principalmente a uma expectativa de vida maior, sendo assim a estrutura da pirâmide etária do Brasil está se transformando. O País conhecido até então pela predominância de jovens hoje passa por uma transição. As transformações socioeconômicas e culturais sinalizam para a necessidade de mudanças não somente na organização da sociedade, mas também na compreensão acerca do papel dos indivíduos mais velhos no âmbito social.

Se discutir o envelhecimento da sociedade já é difícil na nossa realidade, acreditamos que discutir o envelhecer da mulher e o seu lugar é ainda mais complicado, visto que ao falarmos em mulheres velhas estamos lidando com duas categorias carregadas de “marcas” sociais em uma realidade hierarquizada e desigual. Apesar de avanços e conquistas ainda estamos distantes de uma equidade e de isonomia entre homens e mulheres no Brasil.

Além disso, podemos dizer que os avanços decorrentes da luta feminista foram muitos e diversos, mas também ocasionaram aumento de jornada de trabalho somado às já

existentes responsabilidades domésticas e familiares. Acrescido a isso, uma padronização da beleza e sua relação com o corpo feminino impõe a mulher uma contínua luta, em “busca da beleza e jovialidade eterna”.

O estudo apresentado aborda a relação entre envelhecimento e mulheres na sociedade brasileira no intuito de pensar e trazer à tona alguns elementos socioculturais presentes no cotidiano de um grupo de dez mulheres com mais de sessenta anos e suas percepções acerca do envelhecer. Nossas interlocutoras em suas falas sinalizam para a necessidade de uma estética saudável, o “cuidar-se” (cuidados com a pele, cabelos, unhas), bem como a necessidade de atividade física para manter a saúde corporal. As falas nos reportam a uma percepção de maior liberdade atualmente diferente de outros tempos, no entanto, não se faz presente em suas falas a nostalgia, ao contrário percebem a riqueza do momento atual, pois acreditam ter maior autonomia e liberdade. Defendem o envolvimento em atividades variadas para serem ativas e reconhecidas socialmente. Distante da representação das vovós de tempos pretérito com roupas sóbrias e escuras, reclusas do lar, nossas “velhas” se opõem ao papel da avó solitária, esperando o final da vida.

Apesar do contexto social não favorável em relação aos serviços de saúde e à aposentadoria, as mulheres são as que têm maior expectativa de vida, vivendo sozinhas em busca de novos objetivos para suas vidas com novos rumos, os quais tragam desafios e aprendizados.

A partir das entrevistas realizadas, nota-se que as mulheres com mais de 60 anos acreditam que o conceito de belo está ligado à aparência, à boa apresentação de si, à sua saúde e à sua personalidade.

No tocante à sua beleza, as entrevistadas encontram em si mesmas características que as valorizam. Para se manterem bonitas, procuram cuidar dos cabelos, tingindo-os, cuidam da pele e do corpo, sem se preocuparem se a sua forma física não é a de um corpo jovem. Percebeu-se que o corpo, para estas mulheres, não é o seu cartão de visitas, mas sim o seu semblante, que deve ser marcado por um sorriso, por simpatia e carisma. As mulheres idosas querem ser lembradas pela sua força, segurança, pela beleza de seus gestos e atitudes, pois vivem a seu modo, desfrutando dos momentos que a vida lhe oferece e os vivendo com plenitude.

Muito embora a cultura brasileira tenha sido construída em torno do corpo como um “capital” como aponta Goldenberg (2011), a velhice passa a ser vista como uma nova etapa da vida, com menos confrontos. E, apesar das características físicas e das limitações, a mulher idosa se vê hoje sem impedimentos para desfrutar dos benefícios e momentos que a velhice pode proporcionar.

Portanto, a beleza da velhice deve ser enxergada de forma transcendental à pele, de modo a se enxergar não somente uma mulher enrugada e com flacidez, mas uma mulher bela

em sua essência, que já viveu e vive o que a vida lhe oferece. As percepções das mulheres entrevistadas neste trabalho mostram que há, sim, uma consciência do que já foi e o que é a representação da beleza feminina, mas essa não abala suas convicções, pois o importante é viver.

Por outro lado, é relevante analisarmos a complexidade do envelhecimento em uma sociedade com uma forte herança patriarcal, hierarquizada e desigual como a nossa. Talvez precisemos antes de mais nada pensar o envelhecimento como fenômeno social e, portanto, a ser discutido a partir de diferentes instâncias, não devendo insistir em creditar a responsabilidade do envelhecimento ao plano individual, pois certamente correríamos (e corremos) o risco de não alterarmos situações dramáticas e reais do envelhecer na sociedade brasileira.

BIBLIOGRAFÍA

- BRASIL. *Estatuto do Idoso*. (2003). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm>. Acesso em: 25 mai. 2015.
- CAMARANO, Ana Amélia. (2004). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro: IPEA.
- BÉRGAMO, Ricardo. (2011). Nova terceira idade transforma a família, a sociedade e a política. Disponível em: <http://comunicacao.fflch.usp.br/node/554>. Acesso em 05/05/2015.
- DEBERT, Guita Grin. (2007). A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- _____. (1999). Velhice e o curso da vida pós-moderno. *Revista da USP*, São Paulo, n.42, p.70-83, junho/agosto.
- ECO, Humberto. (2013). *História da beleza*. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record.
- _____. (2007) *História da feiúra*. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. (2007). *A ciranda das mulheres sábias: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem*. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco.
- FIN, Thais Caroline; PORTELLA, Marilene Rodrigues; SCORTEGAGNA, Silvana Alba; FRIGHETTO, Juliana. (2015). Estética e expectativas sociais: o posicionamento da mulher idosa sobre os recursos estéticos. *Revista Kairós Gerontologia*, 18(4), Out.Dez. p. 133-149, São Paulo.
- GOLDENBERG, Mirian. (2014) *A bela velhice*. São Paulo: Editora Record.
- _____. (2011). *Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira*. Contemporânea, ed. 18, v. 9, n. 2.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). (2007). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/>. Acesso em 02/03/2016.
- MENEZES, Kelly Maria Gomes; FROTA, Maria Helena de Paula. (2012). Corpos velhos e a beleza do crepúsculo; um estudo sobre os (re)significados da corporeidade na velhice. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*. Argentina, n. 9, ano 4, p. 07-16, Ago/Nov.
- MENEZES, Tânia Maria de Oliva; LOPES, Regina Lúcia Mendonça; AZEVEDO, Rosana Freitas. (2009). A pessoa idosa e o corpo: uma transformação inevitável. *Revista eletrônica de enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, 598-604.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA Jr. Carlos E.A.(2002). *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf>. Acesso em 04/05/2015.
- MONTEIRO, Pedro Paulo. (2008). *A beleza do corpo na dinâmica do envelhecer*. Belo Horizonte: Gutenberg.

- MORAES, Andrea. (2011). O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In: AMANTINOS, Marcia; PRIORE, Mary Del(orgs.) *História do corpo no Brasil*. São Paulo: UNESP, p.427-452.
- MOREIRA, Virgínia; NOGUEIRA, Fernanda Nícia Nunes. (2008). Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicologia USP*, São Paulo, jan-mar, p. 59-79.
- MORENO, Rachel. (2008). *A beleza impossível: mulher mídia e consumo*. São Paulo: Ágora.
- MOTTA, Alda Britto da. (2012). Mulheres Velhas. Elas começam a aparecer. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla B. *Nova História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, p.84-104.
- NERI, Anita L. Feminização da velhice.(2007). In: NERI, A. L. et al. (Org.) *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. p. 47-64.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Disponível em: <http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em 01/03/2016.
- RODRIGUES, Lizete de Souza. SOARES, Geraldo Antônio. (2006). Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. *Revista Ágora*, Vitória, n. 4, p. 1-29.
- SCOTT, Ana Silvia. (2012). O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla B. *Nova História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, p.15-42.
- SENA, Maria de Fátima Alves de; GONZÁLEZ, Jahumara Gloria Téllez; ÁVILA, Marco Aurélio. (2007). Turismo na terceira idade: análises e perspectivas. *Caderno virtual de turismo*, vol. 7, n. 1.